

Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus: as turbulências de estar na sala de visita

Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus: las turbulencias de vivir en la sala de estar

Casa de Alvenaria, by Carolina Maria de Jesus: the turbulences of living in the living room

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Eliana Pereira de Carvalho¹

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

elianapereira@pcs.uespi.br

Lara Oliveira Pereira²

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

laraoliveirapereira@aluno.uespi.br

Resumo: Este artigo procura evidenciar as tensões e contenções da personagem/autora em face das mudanças de lugar social e inserção no campo literário. Com isso, objetivamos analisar o volume 1 (*Osasco*), da obra *Casa de Alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus, a partir de dois objetivos específicos: 1) Apresentar Carolina Maria de Jesus no cenário da literatura brasileira, verificando os obstáculos enfrentados para a inserção dela neste cenário; 2) analisar, a partir da obra, as turbulências de se estar na sala de visita, considerando-se a cidade e a escrita literária como territórios demarcados e contestados. O artigo apoia-se no aporte teórico de Dalcastagnè ao falar da literatura brasileira contemporânea como um território contestado e de Carolina Maria de Jesus como uma voz insubmissa nesta literatura; Kilomba, sobre os espaços de legitimação e poder no campo literário; Jacino e Palma, sobre o conceito de vadiagem ou vagabundagem como criminalização na lei brasileira; Woolf, para falar sobre os conflitos entre ser mulher e

1. Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus CAMEAM, em Pau dos Ferros-RN. Mestre em Letras, concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e do Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL da UESPI, Linha de Pesquisa: Literatura, Historiografia e Memória Cultural. Código ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8974-2400>

2. Graduada em Letras-Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Campus Prof. Barros de Araújo e integrante do Grupo de Estudos em Literaturas de Língua Portuguesa da UESPI. Código ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9149-5377>

¿Cómo citar?

Pereira, E. y Oliveira, L. "Casa de Alvenaria, de Carolina Maria de Jesus: as turbulências de estar na sala de visita". *Contexto*, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 105-125.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

ser escritora de ficção; González, sobre as implicações de ser uma mulher negra na sociedade brasileira pós-1964; Bordieu e o mercado de bens simbólicos; dentre outros estudiosos que se fizeram necessários. Conclui-se, que a autora não apenas narra a sua carreira pessoal, mas também implementa, por meio da escrita, uma crítica concludente à estrutura social e cultural do país, simbolizando o valor da literatura como espaço de denúncia, de memória e de afirmação identitária.

Palavras-chave: literatura negra brasileira do século XX; Carolina Maria de Jesus; estudos culturais; figurações da cidade; espaço e subjetividade; revisão crítica.

Resumen: Este artículo busca destacar las tensiones y limitaciones del personaje/autor ante los cambios de posición social y su inserción en el campo literario. Para ello, analizamos el volumen 1 (*Osasco*) de la obra *Casa de Alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus, con base en dos objetivos específicos: 1) Presentar a Carolina Maria de Jesus dentro del panorama literario brasileño, verificando los obstáculos que enfrentó para su inserción en este; 2) analizar, a partir de la obra, las turbulencias de estar en la sala de estar, considerando la ciudad y la escritura literaria como territorios demarcados y en disputa. El artículo se sustenta en la contribución teórica de Dalcastagnè al abordar la literatura brasileña contemporánea como un territorio en disputa y a Carolina Maria de Jesus como una voz insumisa en esta literatura; Kilomba, sobre los espacios de legitimación y poder en el campo literario; Jacino y Palma, sobre el concepto de vagancia o vagabundeo como criminalización en la legislación brasileña; Woolf, para analizar los conflictos entre ser mujer y ser escritora de ficción; González, sobre las implicaciones de ser mujer negra en la sociedad brasileña posterior a 1964; y Bourdieu y el mercado de bienes simbólicos, entre otros estudiosos considerados necesarios. Se concluye que la autora no solo narra su trayectoria personal, sino que también implementa, a través de la escritura, una crítica contundente de la estructura social y cultural del país, simbolizando el valor de la literatura como espacio de denuncia, memoria y afirmación de la identidad.

Palabras clave: literatura negra brasileña del siglo XX; Carolina Maria de Jesus; estudios culturales; figuras de la ciudad; espacio y subjetividad; reseña crítica.

Abstract: This paper seeks to highlight the tensions and constraints of the character/author in the face of changes in social position and insertion into the literary field. To this end, we aim to analyze volume (*Osasco*) of the work *Casa de Alvenaria*, by Carolina Maria de Jesus, based on two specific objectives: 1) To present Carolina Maria de Jesus within the Brazilian literary scene, verifying the obstacles she faced for her insertion into this scene; 2) to analyze, based on the work, the

turbulences of being in the living room, considering the city and literary writing as demarcated and contested territories. The article is supported by the theoretical contribution of Dalcastagnè when discussing contemporary Brazilian literature as a contested territory and Carolina Maria de Jesus as an unsubmissive voice in this literature; Kilomba, on the spaces of legitimation and power in the literary field; Jacino and Palma, on the concept of vagrancy or vagabondage as a criminalization in Brazilian law; Woolf, to discuss the conflicts between being a woman and being a fiction writer; González, on the implications of being a Black woman in post-1964 Brazilian society; Bourdieu and the market of symbolic goods; among other scholars who were deemed necessary. It is concluded that the author not only narrates her personal career but also implements, through writing, a conclusive critique of the country's social and cultural structure, symbolizing the value of literature as a space for denunciation, memory, and identity affirmation.

Keywords: Black Brazilian literature of the 20th century; Carolina Maria de Jesus; cultural studies; figurations of the city; space and subjectivity; critical review.

Considerações iniciais

Casa de Alvenaria compartilha com os leitores e leitoras, em especial, a dura realidade de quem vive nas grandes periferias e, ao ascender socialmente, encontra obstáculos para adentrar os espaços demarcados da cidade grande, carregando consigo o estigma de ser periférico. Para Carolina Maria de Jesus, estes obstáculos se tornaram maiores por ousar adentrar também em um território tão contestado como é a escrita literária no Brasil. Afinal, para os notórios donatários do campo literário brasileiro, tal território não pode abrigar uma mulher negra, ex-favelada e semianalfabeta.

Nesta obra, Carolina descreve sua vivência, com um olhar íntimo; o que torna sua escrita ainda mais robusta e original, de tal modo, ao associar ficção com realidade. Os diários que estruturam os dois volumes de *Casa de Alvenaria* apontam uma escrita de si em que a autora se projeta no mundo e ao mesmo tempo se harmoniza com ele, tornando-se a escrita um conhecimento de si próprio e um diagnóstico de firmeza, pois, ao tecer sobre a sua vida, ela se coloca como a figura central e não mais como alvo de uma narrativa isenta.

Carolina adentrou no campo literário de forma única e marcante. Sua trajetória como escritora foi estimulada pela publicação do livro *Quarto de Despejo* (1960), que se tornou um marco na literatura brasileira. Em *Casa de Alvenaria*, publicada em 1961, a autora exhibe um retrato de sua vida após a mudança de

moradia de uma favela para uma casa de alvenaria. A obra é classificada como um diário, no qual a autora relata suas experiências cotidianas, dificuldades financeiras, sociais e pessoais que encara neste outro cômodo desta grande “casa” que é a sociedade brasileira. Para Carolina, mudar-se para uma casa de alvenaria é adentrar a “sala de visita” desta sociedade, saindo do quarto de despejo, a favela, para onde foi relegada.

Neste trabalho, apresentamos Carolina Maria de Jesus e as sutilezas de uma narrativa “de dentro” no território contestado da literatura brasileira, bem como as turbulências decorrentes da inserção da escritora no território da cidade grande e da literatura brasileira. Com isso, objetivamos analisar o volume 1 (*Osasco*) da obra *Casa de Alvenaria*, de Carolina Maria de Jesus, a partir de dois objetivos específicos: 1) Apresentar Carolina Maria de Jesus no cenário da literatura brasileira, verificando os obstáculos enfrentados para a inserção dela neste cenário; 2) analisar, a partir da obra, as turbulências de se estar na sala de visita, considerando-se a cidade e a escrita literária como territórios demarcados e contestados.

O artigo apoia-se no aporte teórico de Dalcastagnè ao falar da literatura brasileira contemporânea como um território contestado e Carolina Maria de Jesus como uma voz insubmissa nesta literatura; Kilomba, sobre os espaços de legitimação e poder no campo literário; Jacino e Palma, sobre o conceito de vadiagem ou vagabundagem como criminalização na lei brasileira; Woolf, para falar sobre os conflitos entre ser mulher e ser escritora de ficção; González, sobre as implicações de ser uma mulher negra na sociedade brasileira pós-1964; Bordieu e o mercado de bens simbólicos; dentre outros estudiosos que se fizeram necessários.

A escrita literária de Carolina Maria de Jesus no território contestado da literatura brasileira

Carolina Maria de Jesus ocupa um espaço paradoxal na literatura brasileira. É celebrada como voz autêntica das margens, porém foi por muito tempo relegada ao lugar de registros sociológicos, não de arte literária. Embora “despejada” do território do literário, a escrita de Carolina desponta de um território reivindicado da favela, do corpo negro, da mulher subalterna que provoca e ocasiona fissuras nas fronteiras da literatura canônica brasileira.

O lugar de fala da autora é a da mulher negra, pobre, analfabeta, favelada e mãe-solo. Todos estes estigmas atravessam a escrita de Carolina Maria de Jesus. Diz a autora em *Quarto de despejo*: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais” (Jesus, *Quarto...*, p. 55). Em outro momento, sua escrita é recusada e ela

assim se expõe: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me: — É pena você ser preta.” (pp. 63-64).

A escrita de Carolina começa a partir da favela do Canindé, em São Paulo, com *Quarto de despejo*. A fala da autora incorpora traços da oralidade, mas longe de ser um defeito estilístico, compõe uma poética própria, colocando a escrita como persistência e testemunho. Seu diário converte a dor em narrativa, o cotidiano em crítica social e o silêncio imposto em palavra sediciosa.

Segundo Dalcastagnè, Carolina Maria de Jesus é uma voz que é vista como de dentro da favela e, deste ângulo, reconhecemos sua ascensão como escritora. No entanto, fora deste espaço de exclusão que, como a própria escritora diz, constitui-se como espaço de despejo daquilo que a sociedade rejeita, “ela permanece como uma voz subalterna, como a favelada que escreveu um diário. Portanto, ao lado da discussão sobre o *lugar da fala* seria preciso incluir o problema do *lugar de onde se ouve*. Afinal, é daí que a literatura recebe valoração” (Dalcastagnè, *Literatura brasileira...*, p. 41).

Dalcastagnè toca em um ponto nevrálgico ao trazer a problemática do *lugar de onde se ouve*. Trata-se da literatura brasileira como um território contestado, espaço restrito ao modelo ocidental aceito. Atenta para a necessidade da obra de Carolina ser lida não como restrição ou “caso especial”, mas como integrante da literatura brasileira. Tal atitude de exclusão por parte de um território contestado, embora condenável, serve para manifestar a desigualdade existente tanto na sociedade quanto na respectiva ideia de literatura nacional. A legitimação da escrita de Carolina como sendo literária possibilita a regeneração do território literário ampliando seus limites para englobar antes vozes marginalizadas e silenciadas.

Dalcastagnè, ao dialogar sobre a questão da representação na literatura, trazendo a discussão sobre a maneira como os marginalizados são representados pela literatura brasileira contemporânea, estabelece como critério de análise três blocos, destacando que tal critério nem deve ser colocado como validade universal:

O primeiro, que chamarei de *exótico*, será subdividido em outros dois: *cínico* e *piegas*, de acordo com a linguagem utilizada e o envolvimento entre autor/narrador/personagem. O segundo, intitulado *crítico*, subdividir-se-á em *implícito* e *explícito*, levando em conta o tipo de discussão interna que se estabelece na obra. Já o terceiro, que trará a perspectiva *de dentro*, ou seja, daqueles autores que seriam eles próprios 'o outro', abarácará também a discussão do problema da autenticidade e da legitimidade, sociais e literárias (Dalcastagnè, *Literatura brasileira...*, p. 24).

Ao tratar do terceiro bloco, destacando a perspectiva *de dentro*, Dalcastagnè ressalta Carolina Maria de Jesus. A perspectiva *de dentro* inclui aqueles autores e autoras que ocupam posições periféricas na sociedade e que, por isso, representam com autenticidade os personagens marginalizados da cidade, pois socialmente experenciam e/ou experienciaram a marginalização. Isso faz com que tais autores e autoras adquiram autoridade para falar do assunto em suas obras, pois a experiência vivenciada dá a estes e estas um olhar diferenciado, já que seu lugar vem das margens.

Contradizendo aspectos do conceito de literariedade, segundo Dalcastagnè, Carolina Maria de Jesus busca empregar a seu favor a autenticidade de seu relato. Em *Quarto de Despejo*, por exemplo, entre um olhar irritado, pesaroso ou mesmo dubio, o universo da favela Canindé, em São Paulo, é (re)apresentado ao leitor. Nesta representação, a Carolina, autora/narradora/personagem, “aparece ali está sempre dividida entre o desprezo que sente do lugar [...] e a solidariedade superior da artista que se afirma diante do seu outro” (Dalcastagnè, *Literatura brasileira...*, p. 40).

Embora Carolina Maria de Jesus seja celebrada como um marco na literatura, ela teve sua produção literária marginalizada, isto é, excluída do cânone literário, não por uma falta de mérito, mas pelas estruturas que historicamente delimitam o que é considerado literatura 'legítima'. Isso porque de acordo com Foucault (p. 51) todo sistema de conhecimento é moldado por relações de poder que determinam o que é considerado válido ou verdadeiro. Seguindo a percepção de cânone literário, as obras de Carolina não lhe seriam incorporadas, visto que o seu lugar de fala, sua escrita, suas experiências não seriam suficientes para encaixá-la nos padrões literários esperados. Mesmo sendo vista pela literatura privilegiada como o “outro” inferior (Said, p. 367), já que suas obras narram uma realidade experienciada por um público diferente do que se espera do sistema literário, Carolina vivencia a resignificação do ser.

Deste modo, a incorporação de Carolina Maria de Jesus no campo literário brasileiro instiga as fronteiras estabelecidas entre o canônico e o facínora. A escrita, para Carolina, torna-se uma ferramenta de resistência e sobrevivência, desafiando estruturas opressoras e reafirmando a importância da literatura como instrumento de denúncia e empoderamento. Sua obra permanece atual ao tratar de desigualdades sociais persistentes, reafirmando a escrita como um ato de luta e transformação. Logo, a escrita de Carolina é um ato de resistência. Como mulher negra e pobre, ela rompeu as barreiras impostas por sua posição social, afirmando sua existência e desafiando a hegemonia literária da época. O que se vê, então, é que as suas obras refletem as dificuldades e os desafios enfrentados pelas classes desfavorecidas, o racismo, a exclusão social, a pobreza, o individualismo, entre outras temáticas.

A autora, com sua linguagem simples e descrições das experiências de opressão, não apenas expõe as desigualdades sociais, mas também desafia a própria construção do que constitui a "literatura brasileira".

Grada Kilomba em "Descolonizando o Eu" argumenta que a narrativa é uma forma de resistência contra a colonialidade do ser, desafiando as estruturas que impõem o silenciamento e a fragmentação do sujeito negro. A escrita, para Kilomba (p. 224), é um processo de reapropriação de uma voz que foi historicamente marginalizada. Assim, Carolina Maria de Jesus, ao escrever sobre sua experiência como mulher negra e favelada, descoloniza seu "eu", recusando-se a ser definida pelos olhares colonialistas e elitistas que tentavam apagá-la.

Sob essa perspectiva, a resistência na obra de Carolina Maria de Jesus é não apenas uma denúncia das estruturas opressoras, mas também uma afirmação de existência e subjetividade, uma vez que uma mulher negra, neta de ex-escravizado, moradora de favela, mãe solo de três filhos, encontra na escrita um lugar de fala, através do qual procura ser ouvida. Sua escrita, assim como o pensamento de Kilomba, convida-nos a repensar os espaços de legitimação e poder no campo literário, ampliando os horizontes do que consideramos como literatura e quem reconhecemos como autores legítimos. Dalcastagnè afirma "São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário" (*Carolina Maria...*, p. 12). Nota-se, que a favela não é um espaço muito presente na literatura, e, quando o é, obras são produzidas por pessoas que veem o ambiente de fora, o olhar externo sobre o outro.

Carolina, com um olhar interno, de dentro da favela, foi capaz de transformar simples experiências cotidianas em literatura, não como um texto enfadonho e desafiador, mas como uma vida que pulsa a cada palavra escrita, questionando as fronteiras do cânone. Portanto, pensar Carolina Maria de Jesus é também pensar a literatura brasileira como um território contestado, em constante reformulação. A obra, por sua clareza e humanidade, continua a ser um instrumento de reflexão sobre a nossa sociedade e um lembrete da importância da escrita como forma de resistência e sobrevivência.

Casa de Alvenaria: as turbulências de se estar na sala de visita

Quarto de Despejo: Diário de uma favelada veio à lume em 1960. Encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé, onde Carolina Maria de Jesus morava, Audálio Dantas se depara

com os cadernos desta moradora da favela do Canindé que recolhia do lixo a matéria prima para seus escritos: “A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela” (“A atualidade...”, p. 201).

Quarto de despejo, como vimos, é a escrita de uma autora que narra a sua própria experiência existencial e social vivida, narrando a si e aos favelados que, igual a ela, vivem em um espaço de exclusão na cidade de São Paulo. De acordo com Vogt, a “obra é de gosto realista, na qual o verismo é a nota dominante da 'ideologia estética' do autor” (p. 196). Verídica também é a exclusão da autora, enquanto ser social e escritora dentro desta metrópole paulista.

Carolina Maria de Jesus classificava São Paulo, conforme uma grande casa com seus espaços prestigiados e desprestigiados. “O palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (*Quarto de despejo*, p. 36). Em outro momento no livro, ela dizia que quando estava na cidade tinha a impressão de que estava na “sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de sitim” (pp. 40-41). Ao passo que, ao estar na favela, tinha a impressão de que era “um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (p. 41).

Casa de Alvenaria, narrada também em forma de diário, é outra obra da autora, constituída de dois volumes. Nestes dois volumes, temos a autora naquilo que ela denomina de sala de visita; ou seja, a cidade. Ela se muda da favela e vai morar na cidade. Primeiro, em um quarto disponível na casa do senhor Antonio Soeiro Cabral, com tanque para lavar roupa e luz elétrica, localizado em Osasco, município localizado na região metropolitana de São Paulo. O quarto era de alvenaria em meio a outras casas ao redor também de alvenaria. Depois, ela se muda para a tão sonhada casa de alvenaria, no bairro paulistano de Santana, onde lá viria a falecer.

No entanto, a tão sonhada mudança para a sala de visita (a cidade), retirando-se do quarto de despejo (a favela) trouxe para Carolina Maria de Jesus uma série de turbulências, entre elas a relação com Audálio Dantas que gerou conflitos, mas também consensos; o compromisso com a escrita que tolhia seus desejos e encontrava obstáculos, devido às condições para escrever; o preconceito daqueles que se sentiam os donos por direito da sala de visita e a gestão com suas finanças que resultava em desgastes com a relações femininas e masculinas, em especial Audálio Dantas. Neste tópico, nossa intenção é analisar em *casa de Alvenaria*, volume 1: *Osasco*, estas turbulências de se estar na sala de visita.

De acordo com Evaristo e Jesus:

A escrita de um segundo diário, nomeado pela escritora como Casa de alvenaria, se deu por um gesto de comando do jornalista Audálio Dantas - aquele que impulsionara a publicação de Quarto de despejo, colocando Carolina em evidência como escritora, além de se constituir também como uma espécie de agente literário e orientador de sua carreira. Embora a autora tenha deixado explícita sua vontade de se dedicar a outros gêneros textuais, por "obediência", por um sentimento de 'gratidão' que ela reconhecia dever a ele, o livro foi concebido. A tônica de sua segunda obra, porém, é outra [...] (p. 9).

E de fato é. Nesta obra, Carolina Maria de Jesus se volta para dentro, mas não da favela ou da cidade, mas de si mesma, especulando sobre o sentido da vida e sobre sua inserção em um mundo para si de todo estranho. Ao escrever *Quarto de despejo*, Carolina traz a vida na favela e de seus moradores. Muitas das vezes foi agredida ou repreendida por uma escrita tão realista como, por exemplo, em uma visita à sapataria para retirar os papeis e foi indagada pelo sapateiro se seu livro era comunista, ao que ela respondeu que era um livro realista. Foi então que ele redarguiu: "não é aconselhável escrever a realidade" (Jesus, *Quarto...*, p. 100). Um segundo diário, concentrada na sala de visita (na cidade), geraria talvez um desafio maior. Era esta a preocupação de Carolina:

Não estou tranquila com a ideia de que devo escrever o meu Diário da vida atual. Escrever contra a burguesia, eles são poderosos são poderosos, pode destruir-me. Eles querem ser ricos [...]. Quando escrevi contra os favelados fui apedrejada. Escrevendo contra a burguesia podem enviar-me um tiro (Jesus, *Casa de Alvenaria*, p. 144).

Na favela, Carolina se sentia ilhada por deter o potencial da escrita e por gostar de ler, diferentemente da maioria dos que lá habitavam. No entanto, em termos de experiência de vida e condições econômicas, sentia-se entre iguais e não receava falar. Além do mais, denunciar as mazelas da favela era uma forma de mostrar às autoridades o descaso delas para com os favelados. Fora da favela, todavia, ela foi descobrindo um mundo mais injusto ainda, embora, de início, tudo parecesse maravilhoso: "Estou apreciando Osasco por causa da tranquilidade, e o ar puro, da a impressão que eu sai do inferno, e estou no céu. Os vizinhos olha-me e sorri, aqui, não há calões, as crianças são em números menores porque não vivem na rua" (Jesus, p. 37). Para Carolina, "quem estava na sala de visita não sofre. E se sofre, o sofrimento é suave" (p. 43).

Em Osasco, Carolina, devido as demandas como escritora, precisava de ajuda com os filhos e a casa. Por isso, procurou uma empregada para auxiliá-la: “José Carlos arranhou uma senhora branca Dona Helena. Ela tem uma filha, percibi que ela não aprecia os meus filhos” (Jesus, *Casa...*, p. 53). Carolina reclama que Dona Helena não faz o serviço direito e que cobra caro e, além do mais, reclama constantemente da embriaguez do marido dela.

Aqui, percebemos uma certa rejeição de Dona Helena para com os filhos de Carolina, pois ela considerava seus filhos insuportáveis ou talvez houvesse nela um preconceito racial. Na favela, Carolina reclamava que os vizinhos maltratavam seus filhos e ela associava isso à inveja que os favelados tinham dela devido à pouca educação escolar que tinha e que utilizava para ler e escrever, tendo, inclusive, sido reconhecida por isso. No entanto, na cidade, onde ela pensou que os filhos não sofreriam com isso, constata que a situação é bem pior:

Quando cheguei em São Paulo, fui tomar um ônibus para ir a Osasco. Os filhos estavam em completo abandono e queixou-me que o vizinho dos fundos expandiu-os porque eles pularam o muro. É que o vizinho é impricante. Eles não atinge o muro do vizinho. O homem xingou os meus filho disse-lhes que nós somos vagabundos que estamos habituados a comer coisas do lixo. (Jesus, *Casa...*, p. 61).

O trabalho, historicamente, tornou-se um mecanismo de controle dos corpos para deliberar sobre a vadiagem, designando os ociosos e os vagabundos. A população negra, então, sofreu duramente tais normas de condutas. Em São Paulo, um código de postura de fins do século XIX, deixou marcas profundas na sociedade, principalmente para aqueles que fossem pobres e negros, pois, dele, advinha a conduta de que todo aquele que fosse encontrado sem ocupação, em estado de vagabundagem, seria punido severamente conforme o código do Processo Criminal, conforme explica Jacino (p. 56). Isso também se asseverou com o Estado Novo e o período da Ditadura Militar. No Estado Novo, havia, prescrito em lei, a detenção por vadiagem, e durante a Ditadura Militar, “a vadiagem foi amplamente utilizada como instrumento de controle social, existiam inclusive delegacias especializadas. Relatos dão conta que trabalhadores pobres costumavam levar consigo a carteira de trabalho” (Palma, s. p.).

O vizinho dos fundos não era o único a implicar com os filhos de Carolina. O dono da casa em que ela morava em Osasco também viera reclamar, dizendo que eles eram “levados e selvagens” e que ela vivia na rua e, por isso, “os filhos ficam jogados que vão ser vagabundos”. Todavia, quando Carolina chegou na casa do Sr. Antonio Soeiro Cabral para ocupar o quarto vago que havia, a impressão dela em

relação ao morador foi diferente. Ele fez questão de ser fotografado ao lado de Carolina e emprestou-lhe uma cama. Ela ainda chegou a dizer: “Cada gesto do senhor Antonio Cabral ia revelando o seu grau cultural. Solidariedade de gestos que eu desconhecia no núcleo que eu acabava de deixar” (Jesus, *Casa...*, p. 31). Carolina adentra a “sala de visita”, mas, no mínimo lhe oferecem uma cadeira para se sentar, tendo em vista seu sucesso jornalístico como escritora que faz com que a “sala de visita” pose de bom samaritano ao lado dela, dando ao público ares de filantropia.

Provinda da favela Canindé, Carolina sabia que a simples relação com a favela fazia dela alvo de discriminação, ainda mais sendo negra, embora reconhecida pela mídia como escritora; fato que a “sala de visita” não via com bons olhos, associando isso a uma jogada editorial para conseguir lucros, desconsiderando a potencialidade de escrita de Carolina Maria de Jesus, por sua pouca instrução e por derivar da favela. A escrita literária era privilégio de quem residia na “sala de visita” e, nela, Carolina não era bem-vinda. Todavia, ela acaba também reforçando em sua escrita os discursos de marginalização da favela, que são nela introjetados a partir das estruturas e instituições sociais. A escrita dela não descuidava em desprestigiar o espaço da favela: “A geada da favela é a má formação moral. A favela é a promiscuidade. É pior do que a lepra. A lepra distroe o organismo. A favela distroe e deforma o ente que cresce naquele núcleo. Ele tem tendência só para a delinquência” (Jesus, *Casa...*, p. 47).

Outro aspecto pertinente ao preconceito diz respeito à condição de mulher solteira e mãe-solo. Para a “sala de visita”, diferentemente da favela, era algo de difícil aceitação. Filhos criados sem a figura paterna, eram tidos como propensos à marginalidade, pois o controle em relação aos filhos era exclusivo dos homens e uma mulher não seria capaz de ter força para controlar os filhos no caminho “reto”; embora, na população pobre e negra, a figura feminina fosse, em sua maioria, a responsável pela sustentação familiar, tivesse ela a presença ou não de um homem. A ausência paterna nestes casos era a norma. Carolina não quis casar. O motivo, segundo ela, foi os homens que namorou terem sido fracos. “Eu não tenho paciência para suportar um homem fraco” (Jesus, *Casa...*, p. 72). Isso a coloca como uma mulher que se considerava forte o suficiente para dar conta dos próprios filhos sozinha.

No entanto, ela tinha pouca tolerância com mulheres casadas que desprestigiavam o marido ou o deixavam só. Quando Dona Helena reclama do marido embriagado, ela culpa a esposa, dizendo que “Ela é do tipo de mulher que decepçiona o homem. Não tem um gesto amável” (*Casa...*, p. 53). Em outro momento, ela reverencia a ideia de que a mulher, não se atendo ao casamento, deve pelo menos exercer a maternidade. Ao falar de Ruthe de Souza, relata: “Ela está magrinha. Olhando-a fiquei pensando — ela vai envelhecer sosinha sem filhos sem esposo. Eu

não arranjei esposo, mas arranjei filhos” (p. 97). Quando a senhora Elza Helena diz que está em São Paulo sozinha, sem o esposo, Carolina assim se expressa em seu diário:

Mas a mulher precisa ficar ao lado do esposo, para preparar-lhe as refeições. E se o homem adoecer a mulher não está em casa. Será que estas mulheres não tem amizade aos esposos? Que especie de homens tôlos que não sabem iducar suas esposas. Quando a mulher é grosseira o homem deve ser enérgico, podendo até expanca-la. No reino animal irrracional o macho, predomina (Jesus, *Casa...*, p. 119).

Isso tudo demonstra como o pensamento patriarcal era forte no começo da década de 1960, principalmente na camada mais marginalizada da sociedade como a da qual Carolina se retira, a da favela. Nesta época também, o pensamento hegemônico ainda não havia sido questionado em suas bases e isso explica o machismo introjetado em Carolina. No entanto, em *Quarto de despejo*, ao relatar o universo da favela e a sua vida em relação às mulheres que eram casadas, Carolina diz:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (Jesus, *Quarto...*, p. 23).

A fala de Carolina em *Quarto de despejo* revela outra faceta desta mulher que endossa o discurso machista em *Casa de Alvenaria*, volume 1. Se por um lado revela posturas diferenciadas entre mulheres brancas e ricas da “sala de visita” e mulheres negras e pobres do “quarto de despejo”; por outro, demonstra a autonomia que ela tinha sobre seu corpo e sua vida, pelo menos no tocante ao poder masculino de interferir sobre o curso de sua vida.

As relações femininas de Carolina Maria de Jesus na sala de visita se resumem àquelas que possam lhe dar alguma referência de comportamento e/ou aquelas que detenham uma instrução. Ao sair da favela, ela reclama de Leila que “não é pobre, tem saúde, é jovem”, mas que não tem nada “porque não quer trabalhar” (Jesus, *Casa...*, p. 28); de Nair Mathias que “foi criada na favela, e não aprendeu nada, podia aprender o corte e custura, podia trabalhar em casa para auxiliar o seu ilustre esposo

que é muito bom” (p. 29). Ou seja, a mulher da favela é preguiçosa, não quer trabalhar. As exceções eram “Dona Aliça de Barros e Dona Eunice, as duas vizinhas amáveis” (p. 29) e “Dona Isaltina” (p. 29) uma “portuguesa bôa” que pertencia aos “vizinhos de alvenaria” (p. 29), ao lado da favela. Na cidade, além das mulheres da alta sociedade com quem se encontrava em função da companhia de Audálio Dantas como editor, a exemplo da senhora Filomena Suplicy Matarazzo, mãe de Eduardo Suplicy e neta do conde Francisco Matarazzo, e da dona Suzana Rodrigues (pseudônimo de Diva Alencar Rodrigues, jornalista e educadora paulista), Carolina se relacionava e admirava mulheres educadas e de instrução: “— Eu prefiro a Dona Rosa. Ela é professora e tem muita educação” (Jesus, *Casa...*, p. 112). “A Dona Luiza surgiu perguntando-me se eu queria tomar café [...]. A Dona Luiz Fiori é culta e laboriosa” (p. 117). Em suma, para Carolina, quanto maior a posição social, mais instruída, dedicada e esforçada a mulher era.

A vida na “sala de visita” também implicava outras duas turbulências muito centrais: os compromissos com a escrita que incluía a dinâmica de ser mãe e de ser escritora, bem como a relação com Audálio Dantas que, estando os dois no mesmo espaço da “sala de visita”, permitia um contato mais próximo que às vezes trazia conflitos e outras vezes cumplicidade. No primeiro caso, Carolina colocava na mesma frase as demandas como escritora e o ofício de ser mãe nestas circunstâncias: “Quando chegamos em São Paulo fui a livraria autografar. Que suplicio, suportar os filhos” (Jesus, *Casa...*, p. 34). A todo momento, Carolina expõe o embate entre ser escritora e ser mãe, estando na condição de dependência econômica ainda, sem condições de ter alguém que cuide dos filhos, ao mesmo tempo que sua presença é cobrada no cuidado dos filhos, tanto por eles como pelo dono da casa onde ela morava que reclamava que ela deixava os filhos muito sozinhos, sem condução de ninguém. Virgínia Woolf já dizia:

[...] uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Esquivei-me da obrigação de chegar a uma conclusão sobre esses dois assuntos — mulheres e ficção permanecem, no que me concerne, problemas não resolvidos (Woolf, p. 12).

Entretanto, Woolf falava para mulheres brancas e escolarizadas que assistiam a palestra dela no Arts Society, do Newnham College, e para a ODTAA, do Girton College, em outubro de 1928. Um contexto bem diferente era o de Carolina, inserida em um Brasil da década de 1960 em que uma mulher negra, semianalfabeta, recém-saída de uma favela de São Paulo, solteira e com filhos, ousava escrever.

Se no primeiro caso, os dois assuntos permaneciam sem solução, imagine no segundo caso, o de Carolina: uma mulher negra, ex-favelada e com pouca instrução, inserida em uma falaciosa democracia racial.

A maternidade e a escrita literária representavam lados opostos. Como participar dos eventos, das sessões de autógrafos, das viagens para divulgação do livro, das entrevistas diversas, das festas em que precisava estar presente, das visitas solicitadas pela alta sociedade e do próprio ato da escrita, tendo que atender às demandas dos três filhos, principalmente da filha pequena? De um lado, havia o ataque dos de fora: “Tenho dó de deixar os meus filhos sosinhos, porque o Juvenal expanda-os” (Jesus, *Casa...*, 138). Por outro, há o preconceito racial sofrido, ao tentar encontrar alguém para cuidar da casa e dos filhos, tendo em vista que o racismo estrutural, na década de 1960 no Brasil, demandava que a mulher negra deveria servir e não ser servida:

Levantei as 4 horas, lavei a cosinha, limpei o quintal, não tenho tempo para escrever. Os filhos brigam muito, não obedece-me. Fico nervosa, e a falta de ar reaparece. Tenho que cozinhar, porque os filhos não gostam da comida de Dona Maria, ela salga demais. Ela não bebe nos meus copos. Não come nos meus pratos. Tem nojo de negro. É a necessidade que obriga-a trabalhar para mim. (Jesus, *Casa...*, p. 137).

Lélia Gonzalez, ao falar da mulher negra na sociedade brasileira pós-1964, registra que havia uma grande concentração de trabalhadoras negras em ocupações manuais rurais, fossem na agropecuária ou no extrativismo vegetal; quando não, em ocupações urbanas que se configuravam quase que essencialmente em prestações de serviços; o que se supõe fossem como empregadas domésticas. Para Gonzalez:

[...] se as transformações da sociedade brasileira nos últimos vinte anos favoreceram a mulher, não podemos deixar de ressaltar que essa forma de universalização abstrata encobre a realidade vivida, e duramente, pela *grande excluída* da modernização conservadora imposta pelos donos do poder do Brasil pós-1964: a mulher negra. É por aí que se estende, por exemplo, uma das contradições do movimento de mulheres no Brasil. Apesar de suas reivindicações e de suas conquistas, ele acaba por reproduzir aquilo que Hasenbalg sintetizou com felicidade: 'No registro que o Brasil tem de si mesmo o negro tende à condição de invisibilidade' (Gonzalez, p. 100).

A teórica do feminismo negro ressaltava essas questões no começo da década de 1975, muito antes do ano de 1960, quando Carolina Maria de Jesus escreve os diários que iriam ser compilados como *Casa de Alvenaria*, volume 1: *Osasco*. Então,

podemos ter uma ideia de como o racismo estrutural da época de Carolina colocava a mulher negra na base, como sujeito mais excluído por ser: mulher, negra e pobre. E isso implicava não ter escolaridade e muito menos condições econômicas para ascender socialmente.

Em uma carta-denúncia de 8 de fevereiro de 1984, o NZINGA-Coletivo de mulheres negras, citada como apêndice ao ensaio “Mulher negra”, de Gonzalez, dizia categoricamente que “numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação, fazem dos negros e das mulheres negra cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra” (Gonzalez, p. 109).

Por fim, temos Audálio na vida pessoal e profissional de Carolina Maria de Jesus. Audálio é um caso emblemático na vida da escritora. De que outro modo uma mulher negra, pobre, favelada e semianalfabeta, na década de 1960 no Brasil, poderia pretender ser escritora, exceto pelas mãos de alguém que a integrasse a sala de visita e conhecesse a alta sociedade da época, tendo com ela os contatos necessários? Na apresentação ao livro *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*, em 1961, Audálio Dantas, no texto intitulado “Casa de Alvenaria: história de uma ascensão social”, ele relata: “Um dia — era uma tarde de abril de 1958 — fui à favela do Canindé e quando cheguei lá encontrei uma revolução dentro de um barraco: eram as narrativas de uma negra chamada Carolina Maria de Jesus. A revolução tomou forma de livro e foi chamada 'Quarto de despejo'” (Dantas, “Casa...”, p. 5).

Em *Casa de Alvenaria*, volume 1-Osasco, a palavra-chave é Audálio. Ele próprio, neste mesmo ensaio de apresentação do livro de Carolina, reporta que, como personagem do livro, ela vai de anjo a demônio, conforme a espiritualidade de Carolina no momento da escrita.

Há erros de apreciação da autora em ambos os casos. Eu podia ser demônio a certa altura, só porque a aconselhei a não emprestar dinheiro a determinada pessoa ou por manifestar a minha opinião sobre um rapaz que vendeu o nome de Carolina para a propaganda de uma marca de sabão. Quase sempre, ao conhecer a realidade, Carolina voltava a ver-me com outros olhos e eu virava anjo. Está tudo aí, contado no seu jeito originalíssimo de dizer as coisas (Dantas, “Casa...”, p. 9).

Audálio Dantas não está de todo equivocado e isso já se mostra patente nos primeiros diários que constituem o livro *Casa de Alvenaria*, volume 1. É preciso assinalarmos que na edição que é publicada em 1961 pela Editora Paulo de Azevedo

Ltda., o livro se inicia com o diário de 5 de maio de 1960. Na edição da Companhia das Letras, de 2021, que utilizamos, ele começa com o diário de 30 de agosto de 1960, quando se dá a mudança do “quarto de despejo”, a favela, para a “sala de visita”, a primeira casa de alvenaria, que não chegava a ser uma casa, mas um quartinho à parte que era cômodo de uma casa de alvenaria.

Neste registro do cotidiano, Carolina relata a decepção diante da ausência de Audálio por conta da mudança e se questiona: “Será que ele queria que eu ficasse na favela?” (Jesus, *Casa...*, p. 32). No entanto, quando outros recriminam a ausência de Audálio, Carolina o defende: “o Audálio é sosinho para escrever e não tem tempo para arranjar uma casa para mim” (p. 35). Ela também adora a companhia dele: “eu não gosto de andar com ninguém, so com o Audalio porque, ele, é agradável [...]” (p. 34). Talvez agradável fosse uma maneira de dizer que se sentia segura por ser ele a única pessoa que conhecia para além da favela. Afinal, na “sala de visita” a presença negra como sujeito que ascende ou pretende ascender socialmente era algo raro à época e Audálio era aquele que a conduziria por esta jornada. A confiança nele era tanta que Carolina o encarregava de depositar seu dinheiro no banco que desejasse. Ele era seu porto seguro: “[Audálio] substituiu tudo que faltou-me na vida. O Audálio chegou no momento oportuno para salvar-me. Eu estava no meio do mar, lutando contra as ondas gigantescas que vae avolumando-se cada veez mais” (Jesus, *Casa...*, p. 58).

Audálio também era bom conselheiro. Pedia que Carolina não entrasse em conflitos com os favelados quando tivesse que ir à favela. Entretanto, em vários momentos seus conselhos eram abusivos, pois procurava determinar a vestimenta de Carolina e reprovava, às vezes, seu comportamento expansivo com relação aos homens. Ela tinha uma significativa “queda” pelo sexo masculino e isso acabou sendo publicado pelo jornalista David St. Clair da revista Time dos Estados Unidos. Carolina ficou indignada com a reportagem, quando a leu: “Ele disse que eu tive mais de 30 empregos, e que eu não parava nos empregos porque saía a noite para dormir com os homens” (Jesus, *Casa...*, p. 78). De certa forma, isso se tornava um aspecto negativo para o agente literário de Carolina que via nisso um perigo à divulgação da obra da autora: “Fiquei com dó do Audálio que via a sua obra desmoronando-se” (p. 85).

Embora a companhia de Audálio fosse agradável, ela também não dispensava a companhia de outros homens que, tal qual Audálio, fossem educados e refinados. Para outros homens menos refinados e que não alcançassem o critério Audálio, ela também não dispensava, bastava que fossem bonitos e atraentes. Essa fraqueza de Carolina, todavia, tornava-a suscetível a lesões financeiras quando, por exemplo, ela deu “1000,00 para o preto Roberto porque ele queria suicidar-se” (Jesus, *Casa...*, p. 71). Ou, no caso do “preto Rubens” que, para se livrar dele, Carolina

prometeu que lhe dar “4 mil Cruzeiros” (p. 77). Na escrita de Carolina, são quase sempre os homens pobres e pretos que são ressaltados como aproveitadores, diferente de Audálio que é visto como um homem virtuoso, pois recusa de Carolina “uma maquina portátil para escrever [...], porque a maquina custa quarenta mil cruzeiros” (p. 107).

O relacionamento com Audálio, no entanto, parecia ir além das questões relacionadas com a carreira de Carolina. Há momentos que imaginamos que eles compartilhavam a mesma cama e que eram amantes. Carolina faz questão de frisar que Audálio Dantas a respeita muito. “Ele diz que a nossa amizade deve ser platônica” (*Casa...*, p. 107). Os boatos, porém, de um possível relacionamento amoroso entre os dois eram permanentes.

Para Audálio Dantas, Carolina talvez não passasse de um bem-sucedido negócio, uma amizade querida ou, quem sabe, fosse difícil assumir o relacionamento com uma mulher negra na década de 1960. Afinal, a publicação de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, tinha menos de trinta anos, então era recente, no Brasil, as seguintes palavras de Freyre: “a mulher morena tem sido a preferida dos portugueses para o amor, pelo menos para o amor físico” e prossegue: “'Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar' (pp. 71-72). Neste pensamento, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, há a preferência sexual pela mulata”. Pelo visto, Carolina está mais para Bertoleza do que para Rita Baiana. Já para Carolina, Audálio Dantas era seu “raio de sol” (Jesus, *Casa...*, p. 150). A metáfora pode levar a muitas interpretações, afinal um raio de sol pode iluminar um coração ou o caminho da ascensão social; ou os dois. Ou, pode queimar os dois, o coração e a ascensão social.

Como agente literário e orientador da carreira de Carolina Maria de Jesus, Audálio Dantas estava incumbido de levá-la para todos os lugares e eventos que dissessem respeito à divulgação da obra e da escritora. Carolina não dispensa na obra elogios ao falar deste atributo de Audálio: “Não gosto de viajar sem ele. Ele é tão iducado. E mêigo. Tem dia que odeio o Audálio. Tem dia que adoro-o. Odiando, ou adorando-o eu quero que ele vive vários anos. Se ele morrer o mundo inclina para mim” (Jesus, *Casa...*, p. 147). É clara a dependência profissional e econômica que Carolina tinha para com Audálio Dantas.

Em um ensaio, intitulado “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus”, que antecede a obra *Casa de alvenaria* - volume 1, na edição da Companhia das Letras, Conceição Evaristo e a filha da escritora, Vera Eunice de Jesus expõem que Carolina se transfere para a “sala de visita” e, neste espaço, a obra que surge mostra:

as consequências de uma Carolina transformada em mercadoria, em um produto a ser exposto, em um bem de uso público, requisitado para as mais diferentes funções. Uma Carolina cuja presença era solicitada em reuniões políticas, religiosas e culturais; que recebia pedidos de auxílio financeiro, indicações para emprego. Nesse emaranhado de solicitações, havia também cumprimentos, inclusive da polícia política da época, por ocasião de seu aniversário. Essa condição foi percebida e registrada pela escritora nas páginas de *Casa de alvenaría*: ela se sentia usada e compreendia que tinha se tornado uma 'moeda de câmbio'. Repudiou muitas vezes o sucesso que estava alcançando, que não lhe permitia se entregar totalmente ao prazer da glória, porque se via impedida de fazer o que mais gostava, o que precisava para se aguentar, para dar sentido à sua vida: ler e escrever (Evaristo e Jesus, p. 11).

Carolina não conseguia entender as exigências do mercado editorial. Ela entendia do prazer de ler e escrever, da possibilidade de poder falar e ser ouvida, de mostrar a realidade de pessoas invisíveis para aquelas pessoas visíveis, porém cegas à realidade daqueles que servem à “sala de visita”, mendigando delas o básico para sobreviver. Ascender socialmente era uma forma de ser a porta-voz dos marginalizados, mas isso acaba sendo uma nova forma de marginalização ao se transformar em mercadoria e em suporte para uma bem encenada filantropia dos bem apessoados cidadãos e cidadãs da “sala de visita”.

Bourdieu, ao falar sobre o mercado de bens simbólicos, enfatiza:

O sistema de produção e circulação de bens simbólicos define-se como o sistema de relações objetivas entre diferentes instâncias definidas pela função que cumprem na divisão do trabalho de produção, de reprodução e de difusão de bens simbólicos. O campo de produção propriamente dito deriva sua estrutura específica da oposição — mais ou menos marcada conforme as esferas da vida intelectual e artística — que se estabelece entre, de um lado, o campo de produção erudita enquanto sistema que produz bens culturais (e os instrumentos de apropriação destes bens) objetivamente destinados (ao menos a curto prazo) a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais e, de outro, o campo da indústria cultural especificamente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais ('o grande público') que podem ser recrutados tanto nas frações não-intelectuais das classes dominantes ('o público cultivado') como nas demais classes sociais (Bourdieu, 2015, p. 105).

Em resumo, o teórico revela a divisão existente no campo de produção e de circulação de bens simbólicos, revelando em si uma cisão no que concerne à destinação destes bens. De um lado, aqueles que produzem para seus pares,

configurando-se aquilo que se denominou de Produção erudita. De outro, aqueles que produzem para o grande público. Neste tocante, é comum ouvirmos a terminologia “literatura de cultura de massa”, produzida por uma indústria cultural que visa abocanhar cada vez mais uma fatia maior do mercado editorial.

Carolina Maria de Jesus acaba sendo engolida pela indústria cultural que reduz não apenas sua obra, mas ela própria em mercadoria, em bem de consumo, principalmente por aqueles que querem ver sua imagem associada a uma ex-favelada que ascende socialmente graças a filantropia da “sala de visita”, desconsiderando a qualidade de sua escrita. A exigência de Audálio Dantas para que ela se concentre no gênero diário na produção de bens simbólicos indica a necessidade de demanda de um mercado que associa a imagem da escritora ao espaço de onde ela surge, a favela. Dessa forma, extrapolar o gênero diário para outros estilos literários seria renunciar à propaganda que manteria acesa a indústria cultural.

A escritora tinha consciência do que ela e sua obra significava para a filantropia da “sala de visita”. Para estas pessoas, Carolina se resumia à oportunidade de exercer a caridade sob os holofotes da mídia. E ela sabia disso, pois Carolina Maria de Jesus era uma pessoa altamente politizada, embora, nela, estivesse introjetado o discurso meritocrático de que é possível vencer quando há luta e esforço para isso, mesmo que ela se torne o exemplo vivo dessa impossibilidade. A obra de Carolina é, sem dúvida, um legado importante para a literatura brasileira não apenas como registro realista de uma sociedade desigual que, como tal, permanece, mas também como esteticamente singular, tendo em vista a capacidade da escritora de dialogar sobre diversos temas e dotada de uma linguagem que une o erudito ao popular. A obra é também um rico material de recursos metaficcional que desenvolve aos olhos do leitor ou leitora a feitura da obra e a vivência da escritora nesta indústria cultural.

Considerações finais

Com o sucesso no campo literário, Carolina encara a realidade de mudar de moradia, sair da favela e ir para uma Casa de Alvenaria. Logo, imaginava que ao mudar de lar sua vida seria outra, porém, a mudança física não determina todas as tensões emocionais, sociais ou morais que ela suporta, ainda que, haja transformação material, muitos dos problemas estruturais perduram. Tendo em vista que, após se tornar uma escritora renomada, Carolina continua sendo tratada com incerteza, vive situações de discriminação oculta. Com isso, as pessoas e a imprensa expõem dívidas inerentes, buscando quem ela agora é.

Morar em uma casa de alvenaria, símbolo de ascensão ou conquista, traz consigo incômodo, Carolina sente que, em certas ocasiões, ela se distância da favela, em sentido comunicativo, afetivo, de pertencimento, recebe visitas de pessoas que procuram favores ou visibilidade, encontra-se pressionada pelas perspectivas alheias. Esse crescimento material não resolve a universalidade dos seus conflitos.

A obra *Casa de Alvenaria*, volume 1, comprova o descontentamento de Carolina Maria de Jesus diante das barreiras impostas à sua produção literária, especialmente pelo jornalista Audálio Dantas, que, embora tenha sido essencial para tirá-la da pobreza ao noticiar seus diários, também a estimulava a permanecer nesse gênero, mesmo quando ela ratificava o desejo de explorar outros campos da escrita, como a prosa ficcional, a dramaturgia e a poesia. Logo, essa relação desponta uma tensão entre gratidão e conflito. Por um lado, Carolina reconhece o valor de Audálio em sua trajetória; por outro, sente-se presa por expectativas externas e pelo modo como incidiu a ser tratada após alcançar notoriedade, muitas vezes com condescendência ou como uma figura exótica, e não como uma autora íntegra, capaz de transitar por múltiplas formas de expressão literária.

Neste trabalho, buscamos ratificar que a obra não apenas narra as transformações materiais na vida da escritora, porém, sobretudo, evidencia o impacto psicológico e emocional dessa mudança de espaço, resume o ingresso em um ambiente de aparente autoridade, mas também de penumbra, julgamento e desencanaie. Carolina, mesmo fora da favela, permanece a ocupar um lugar de fronteira, entre a reconhecimento e o preconceito, por entre a visibilidade e a exclusão.

Sendo assim, percebemos que as “turbulências” de estar na sala de visita não se reduzem à experiência individual da autora, mas expõem um fenômeno coletivo; a dificuldade histórica da população negra e periférica em ser integralmente aceita nos espaços de prestígio e decisão. *Casa de Alvenaria* amplia o modelo literário e político de Carolina Maria de Jesus, consolidando sua escrita como um instrumento de acusação, afirmação emblemática e crítica social.

Referências

- Bordieu, Pierre. “O mercado de bens simbólicos.” *A economia das trocas simbólicas*, vários tradutores, São Paulo Perspectiva, 2015.
- Dalcastagnè, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: Um território contestado*. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- Dalcastagnè, Regina. *Carolina Maria de Jesus: Uma voz insubmissa na literatura brasileira*. Brasília, FUNAG / Instituto Guimarães Rosa, 2023.
- Dantas, Audálio. “A atualidade do mundo de Carolina.” 1993. Jesus, *Quarto de despejo*, pp. 201-203.

Dantas, Audálio. “*Casa de alvenaria: história de uma ascensão social.*” Jesus, *Casa de Alvenaria*, pp. 5-10.

Evaristo, Conceição, e Vera Eunice de Jesus. “Outras letras: tramas e sentidos da escrita de Carolina Maria de Jesus.” Jesus, *Casa de Alvenaria*, pp. 9-23.

Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. 7ª ed., tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48ª ed., São Paulo, Global, 2003.

Gonzalez, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima, Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

Jacino, Ramatis. *O Trabalho do negro livre na cidade de São Paulo: 1872-1890*. Orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Amaral Felini, 2006. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Econômica, dissertação de mestrado. *Universidade de São Paulo*, https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-06072007-104911/publico/TESE_JACINO_RAMATIS.pdf. Acesso: 28 set. 2023.

Jesus, Carolina Maria de. *Casa de Alvenaria*. Vol. 1: *Osasco*, São Paulo, Companhia das Letras, 2021.

Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 1960. Edição comemorativa, São Paulo, Ática, 2020.

Kilomba, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

Palma, Daniela. “Declarações enquadradas de corpos 'vadios': leitura de um arquivo de repressão policial à prostituição de travestis.” *Alfa: Revista de Linguística* (São Paulo), n.º 67, 2023. *SciELO*, <https://www.scielo.br/j/alfa/a/tbNMScMVLLnSnDWQcCwBvPg/?lang=pt#:~:text=Durante%20a%20ditadura%20militar%2C%20a,social%2C%20existiam%20inclusive%20delegacias%20especializadas>. Acesso: 28 set. 2025.

Said, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução do inglês por Rosaura Eichenberg, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Vogt, Carlos. “Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (*O quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus).” 1983. Jesus, *Quarto de despejo*, pp. 191-199.

Woolf, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Sousa e Glaucio Mattoso, São Paulo, Tordesilhas, 2014.